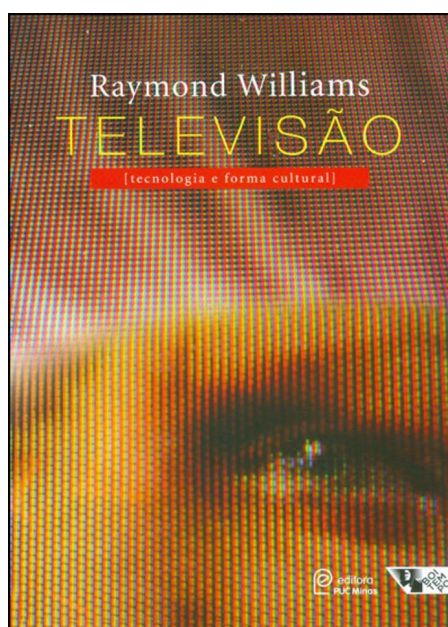


Fluxo:

para a compreensão da programação televisiva

Gilberto Alexandre Sobrinho¹



Resenha

WILLIAMS, Raymond. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. São Paulo: Boitempo, 2016.

¹ Professor do Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação, do Instituto de Artes, da UNICAMP.

e-mail: gilsobrinho@iar.unicamp.br

No quadro midiático atual, no Brasil, a televisão é o meio de comunicação mais utilizado pela população¹. Ela ainda reina como catalizadora dos maiores investimentos publicitários; fonte de informação, de entretenimento e mobilizadora central da atenção de receptores em todo o território nacional. A existência e permanência desse quadro, a despeito das mudanças em escala global advindas do surgimento dos modos de receber a imagem televisiva (*smartphones, tablets, notebooks, smart TVs* etc.) e das reconfigurações da televisão sob demanda, em que se destaca o modelo *Netflix*, permite-nos celebrar, mesmo tardiamente, um texto tão importante, como é o caso da tradução para o português de *Televisão: tecnologia e forma cultural*, de Raymond Williams (1921-1988). O livro foi lançado originalmente em 1974 e se trata de uma ferramenta indispensável para a ainda restrita crítica da televisão no solo brasileiro, com elogios à tradução efetuada por Márcio Serelle e Mário F. I. Viggiano.

Sendo o modelo tradicional de grade de programação ainda responsável pela organização dos programas de TV e, portanto, compreendido como o dispositivo por excelência da organização da experiência audiovisual dominante, as ideias, os conceitos e as conjecturas lançadas há quatro décadas ainda são oportunas para o debate necessário sobre televisão, nos moldes tradicionais. E o próprio texto não perde de vista um cenário vindouro da TV segmentada e dos usos alternativos, algo que se pode realizar comparativamente quando já dispomos de dados sobre esse quadro da mídia alternativa, compreendida pela TV a cabo e os dispositivos de vídeo.

O grande desafio hoje para a reflexão e pesquisa é justamente lidar com temporalidades que coexistem, contrapõem-se, justapõem-se e se entrecruzam em relação à televisão. Ao mesmo tempo em que há a permanência e forte

¹ BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>.

adesão ao modelo já tradicional de grade de programação, em que se acionam valores, tais como fidelização, relação horizontalidade e verticalidade na organização dos programas e formas mais rígidas de controle; por outro lado, as dinâmicas horizontalizadas advindas com o digital permitem o estilhaçamento desses conceitos e estruturas e incrementam o vocabulário da televisão em noções como programação multiplataformas, televisão sob demanda, *streaming*, multiprogramação, TV interativa, *YouTube* etc. As alternativas a esse vocabulário continuam no horizonte das apropriações e usos comunitários, havendo, assim, mudanças significativas sobre a compreensão do que é sub-representação e apropriação e expandindo-se consideravelmente os setores contra hegemônicos após o surgimento e expansão das tecnologias digitais.

Assim, cabe situar o contexto de lançamento de *Televisão: tecnologia e formas culturais*, destacar o campo conceitual e metodológico que a obra inaugura, verificar sua estrutura e, enfim, situar sua importância hoje, haja vista os desafios impostos pela cultura da convergência que tende a dominar as questões tecnológicas e formais que moldam a televisão.

A década de 1970 é um período em que já se apresentam estabelecidos os modelos de televisão pública e privada. Para o primeiro modelo, em geral, a Grã-Bretanha sobressai. Compreende-se esse tipo de organização da gestão da programação como sustentado por taxas e apoio do Estado. No contexto da Guerra Fria, de forte divisão ideológica da geopolítica, no qual a nação ainda cumpria um destino que lhe era designado como grande narrativa, esse modelo de TV tinha a experiência europeia de televisão como local privilegiado, sendo a BBC, na qual Raymond Williams trabalhou como produtor e roteirista, o modelo por excelência de TV pública. No outro extremo, a TV privada desenvolvia-se plenamente nos Estados Unidos e teve muito mais penetração e influência em outros países, em escala global, sendo seu modelo de negócio sustentado por anúncios publicitários. Para ambos os modelos, a sala de estar consistia-se como

topografia essencial², o lugar por excelência onde se desenvolviam os hábitos de assistir à TV. Em relação à ética vigente, a TV pública arvora-se à formação cultural do cidadão e a TV privada entende o público consumidor como sujeitos da programação. Williams escreveu seu livro confrontando os dois modelos, visto que, primeiramente, vivenciou e fez parte da BBC e, após uma viagem aos Estados Unidos, ficou impactado com a fragmentação da programação da TV norte-americana. Dessas experiências nasceu o livro, primeira teoria sobre televisão, de um ponto de vista que conjuga análise formal, história social, cultura e abstração intelectual. Desses investimentos, destaca-se, sobretudo, o conceito de fluxo.

A citação que segue tornou-se referência obrigatória para a compreensão do processo televisivo: “O que está sendo exibido não é, nos antigos termos, uma programação de unidades separadas com inserções específicas, mas um *fluxo* planejado, em que a verdadeira série não é a sequência publicada de programas, mas essa sequência transformada pela inclusão de outro tipo de sequência, de modo de que essas sequências juntas compõem o fluxo real, a real ‘radiodifusão’”. (WILLIAMS, 2016, p. 100). Raymond Williams chegou a esse conceito de maneira complexa e isso revela uma metodologia singular para a compreensão do fenômeno televisivo que conjuga uma série de práticas culturais da sociedade moderna, juntamente a processos científicos e tecnológicos que se desdobram desse mesmo contexto, em setores ligados ao desenvolvimento da ciência, das técnicas, da indústria e das comunicações, no seio do capitalismo ocidental. O fluxo televisivo compõe o cerne da dinâmica da programação televisiva, pois ao distanciar-se de práticas culturais, tais como a literatura, o teatro e o cinema, ainda centrados em unidades discretas que definem o livro, a peça e o filme, para a televisão, interessa ter a atenção do espectador para a programação, composta de uma série de programas, cuja divisão por gêneros, formatos e o estabelecimento na grade de horário pressupõe uma

² Expressão cunhada por Laura Mulvey. In: MULVEY, L.; SEXTON, J. *Experimental British Television*. Manchester: Manchester University Press, 2007.

retroalimentação continua dos outros programas que virão, interpostos fragmentariamente nos intervalos comerciais, o que gera uma intertextualidade delirante, porém calculada. Com essa visão, Williams distanciou-se das considerações demasiado formalistas de Marshall McLuhan³, que sinalizava o determinismo tecnológico como dominante para o estudo dos meios. Com a ideia de fluxo, despontou-se um dos flancos mais influentes para o estudo do meio, justamente por compreender a dinâmica da organização, distribuição e recepção da programação televisiva por via das relações entre práticas sociais, tecnologia e forma cultural.

Williams desbravou o campo dos estudos da televisão por via da compreensão de seus lugares na história social, nos quais pesava fortemente os deslocamentos e os estabelecimentos geográficos de famílias de trabalhadores para uma nova ordem industrial e urbana, portanto, um redimensionamento do espaço doméstico em que, primeiramente, o rádio protagonizaria um processo que se desdobraria na chegada e centralização do aparelho de TV. São aspectos da vida moderna analisados pelo autor que também enxergou uma nova sensibilidade preparada para a gestação potencializadora da programação fragmentada da TV. Os modos de organização institucional, tanto da TV pública, quanto da dominante TV privada de inspiração norte-americana, estavam em sua mira, assim como a gestação da programação da TV, a princípio parasitária de grandes eventos tornados programas audiovisuais, como esportes e comemorações, e o desenvolvimento dos gêneros e formatos considerados propriamente em relação ao meio. Como já disse, coube a Williams revelar o mecanismo nomeado “fluxo”, fonte de atualização e funcionamento do dispositivo televisivo. Seguidamente a esse trabalho, no desenvolvimento do livro, segue-se para um conjunto de reflexões

³ Refiro-me à publicação em 1964 de *Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)*. Aqui, chama a atenção o capítulo *O meio é a mensagem*, em que se lançam as bases para a compreensão determinista da tecnologia em relação aos meios de comunicação e que inclui o capítulo *A televisão: o gigante tímido*. In: McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

sobre os efeitos da tecnologia e seus usos, nos quais já se antevem pânico em relação à violência, ao sexo, à degradação cultural, entre outros temas associados ao novo meio. O autor é categórico em rejeitar qualquer determinismo, mesmo social, em relação à televisão e enfático em delegar às instituições e/ou corporações os usos que farão em relação aos meios e que traçarão seu destino. Finalmente, o livro encerra após uma fecunda discussão sobre novas formas de televisão, cotejando, assim, aspectos relacionados aos processos tecnológicos, tais como a TV a cabo e via satélite, isso determina novas formas de distribuição e recepção. Algo também considerado foi a tecnologia do vídeo e os possíveis usos alternativos dessa tecnologia, visto que já se antecipava as potentes apropriações de usos comunitários.

Portanto, trata-se de uma publicação obrigatória. Quando de seu lançamento, a TV brasileira vivenciava, havia poucos anos, o processo de estabelecimento do planejamento e gestão empresarial por meio da grade de programação e da transmissão em cores, sendo a Rede Globo a protagonista dessas conquistas, algo já bastante conhecido e estudado. Havia, assim, uma desvantagem no tempo em mais de uma década em relação ao estabelecimento potencialmente profissional da TV brasileira em comparação com as experiências britânica e norte-americana. Essa desvantagem também acometeu o cenário midiático local no que se refere ao desenvolvimento das práticas alternativas do vídeo e também da TV a cabo. Dessa forma, com os pioneiros da videoarte e os realizadores ligados ao vídeo popular, ao longo dos anos 1980 e 1990, houve a possibilidade de radicalização em relação à imagem televisiva e gêneros narrativos (TVDO e Olhar Eletrônico), assim como o desenvolvimento de TVs alternativas, com destaque para a TV de rua (TV Maxambomba e TV Viva) e para artistas que realizaram uma militância por meio do audiovisual, mirando os meios de comunicação, em narrativas politicamente engajadas (Rita Moreira, Joel Zito Araújo, Eduardo Coutinho e outros). Em relação ao cabo, somente em 1995, com a Lei do Cabo, oficializou-se a entrada dessa tecnologia televisiva considerada alternativa para o autor britânico, porém ocupada e explorada pelos agentes do

capital privado que dominam a TV aberta.

Conforme iniciei, há ainda, no Brasil, fortemente instaurado o modelo da TV aberta centrado na grade de programação. Isso requer que as considerações sobre o meio estejam atentas para essas dinâmicas, em detrimento de análises que se voltam exclusivamente para programas isolados. Certamente uma tarefa não anula a outra, e o pensamento de Williams é claro em demonstrar como conciliar esses lados na lide com a televisão.